



Cara a cara com as *haenyeo*: era importante mostrar as rugas das experientes mergulhadoras

Fotos: Luciano Candisani

# UM MERGULHO NA HISTÓRIA DAS mulheres do mar

POR SÉRGIO BRANCO

O fotógrafo Luciano Candisani vira tema de longa-metragem ao documentar em P&B a saga das *haenyeo*, tradicionais mergulhadoras da Coreia do Sul

**U**m encontro fortuito no Pantanal entre o fotógrafo Luciano Candisani e a cineasta Lygia Barbosa Silva foi o estopim para um projeto realizado a dezenas de milhares de quilômetros dali, na Ilha de Jeju, Coreia do Sul, e que se materializou no filme *Haenyeo, A Força do Mar*, previsto para estrear em março de 2018 na TV por assinatura na programação do canal NatGeo e na aberta com exibição na TV Cultura de São Paulo.

Trata-se de um documentário com

duração de uma hora com certas peculiaridades: é o primeiro sobre o trabalho *in loco* de um profissional brasileiro feito fora do País (não vale o filme sobre Sebastião Salgado, que há muitos anos mora no exterior); é o primeiro grande ensaio de Candisani em P&B; e acaba sendo um documentário dentro de outro, pois o tema envolve as *haenyeo*, incríveis mulheres mergulhadoras sul-coreanas que mantêm uma tradição datada de quatro séculos.

O inesperado encontro pantanei-



As mulheres do mar  
de Jeju mergulham em  
apneia em profundidades  
entre 7 e 12 metros



Fotos: Luciano Candisani

### A maioria das mergulhadoras já passou dos 50 anos de idade e mantém uma tradição que já data de quatro séculos

ro em 2009, quando Candisani fotografava para fazer um livro e Lygia filmava um documentário, gerou uma química perfeita de interesses mútuos. A cineasta pôde ver o fotógrafo em campo e sua inquietação na busca pela melhor imagem, um trabalho que exalava paixão. Candisani, por seu lado, conheceu uma cineasta com 20 anos de experiência, dedicada e criativa. O laço estava feito, mas o aperto

do nó ocorreu oito anos depois, quando Lygia foi convidada pelo documentarista sul-coreano Kim Jin Hyuk a participar de um edital de intercâmbio cultural. Selecionada, ela e o roteirista Raphael Scire (ambos da produtora True3 Lab) iniciaram as pesquisas, já que o documentário precisava ser feito na Coreia do Sul. Foi daí que surgiu o tema das mulheres mergulhadoras da Ilha de Jeju e a ideia de

trabalhar com Candisani, um especialista em imagens subaquáticas.

“Acreditei que o olhar e o mergulho dele, nos dois sentidos, para mostrar a vida dessas mulheres do mar gerariam um filme inspirador. Eram duas histórias que iam se entrelaçar”, diz a cineasta. Quando Lygia contou para Candisani que o queria em um projeto a ser realizado na Coreia do Sul, ele de imediato apontou as *haenyeo* como seu tema preferido. Pronto. O foco de ambos estava direcionado para o mesmo ponto. “Faço um trabalho com populações tradicionais litorâneas já há algum tempo e sabia da existência delas, a maioria já na faixa dos 70 anos de idade, e de como elas tiram seu sustento do fundo do mar”, explica Candisani, que fez documentários nessa linha nas Filipinas, no Caribe e no Brasil.

### ALÉM DO MAKING OF

Contar a história sobre as mergulhadoras sul-coreanas pelo olhar de Luciano Candisani era o objetivo de Lygia, decidida a fugir do tradicional *making of* do trabalho do fotógrafo em campo. O protagonismo era de Can-

**A caminho do trabalho: a jornada diária são de quatro a seis horas de mergulhos**



## Polvos e outros frutos do mar vão para o cesto flutuante e depois são vendidos na Ilha de Jeju

disani, que tinha as *haenyeo* como poderosas coadjuvantes. A câmera acompanharia sem tréguas os movimentos dele, até o errados, em busca de grandes imagens embaixo d'água e convivendo com as mulheres mergulhadoras fora dela.

Durante a preparação, Candisani planejou cuidadosamente os equipamentos que levaria em função da proposta de Lygia, leu muito sobre as mergulhadoras, viu documentários e analisou centenas de fotos (inclusive as de



um ensaio do americano David Alan Harvey). Percebeu que o duro trabalho em busca de mariscos, polvos, algas e outras iguarias no fundo do mar era o aspecto menos mostra-

do sobre elas. Era isso que Luciano Candisani queria fazer.

Ele optou também por fotografar em mergulhos de apneia, sem cilindro, como as mulheres sul-corea-

## Uma história de séculos

A primeira menção escrita às mergulhadoras da Ilha de Jeju foi no século 17, mas a tradição vem de muito antes, dizem historiadores. No século 18, elas passaram a ser denominadas *haenyeo* e superaram em número os mergulhadores homens. A ida dos homens a guerras é uma das hipóteses desse fenômeno. Outra seria a imposição de um tributo pago em espécie com abalones secos, o que teria obrigado muitas mulheres a mergulhar em busca desse tipo de molusco enquanto os homens se recusavam a pagar. Há quem defenda que a condição fisiológica feminina é a razão: as mulheres têm mais gordura subcutânea e um limite mais alto que o dos homens para suportar a imersão em águas frias.

Depois que o mergulho em busca de frutos do mar se converteu numa atividade dominada pelas mulheres, muitas das *haenyeo* substituíram seus maridos como arrimo de família. Isso ficou mais perceptível quando a Coreia foi convertida em colônia do Japão. No período anterior ao domínio japonês, grande parte do que era recolhido era entregue às autoridades como tributo. Os japoneses aboliram essa cobrança,

permitindo que as *haenyeo* pudessem vender os frutos do mar no mercado livre e obter lucro.

Fora isso, os comerciantes japoneses e coreanos contratavam mergulhadoras para trabalhar em regime assalariado no Japão ou na península coreana, contribuindo para melhorar significativamente a situação financeira delas. Mesmo com o fim da colonização japonesa, a posição destacada das mergulhadoras na economia da Ilha de Jeju continuou a existir. No início da década de 1960, por exemplo, o trabalho das *haenyeo* representava cerca de 60% dos rendimentos da pesca da ilha, enquanto entre os maridos havia altas taxas de desemprego.

Com o passar do tempo, o trabalho das *haenyeo* entrou em declínio. Assim como toda a Coreia do Sul, a Ilha de Jeju se transformou economicamente. Em 1978, o turismo já tinha superado os setores tradicionais, como a agricultura. Essa mudança teve um forte impacto no número de mergulhadoras. Devido ao

aumento de alternativas ao que era um trabalho duro e penoso, muitas mulheres abandonaram a pesca subaquática.

Entre 1965 e 1970 o número de mergulhadoras caiu de cerca de 23 mil para pouco mais de 14 mil. Com o crescimento econômico do país, as novas gerações abandonaram a atividade em busca de novas oportunidades de trabalho. A ausência de aprendizes se traduziu num progressivo envelhecimento das mergulhadoras. Hoje, cerca de 90% das mergulhadoras têm mais de 50 anos, porém, elas são consideradas como um dos mais valiosos tesouros de Jeju. O governo sul-coreano subsidia a aquisição de equipamento de mergulho, e concedeu a elas direitos exclusivos para a venda de frutos do mar frescos. Além disso, em 2014 a Coreia do Sul pediu à Unesco que as *haenyeo* fossem inscritas na lista do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Candisani conversa com a capitã Kang, uma das líderes das *haenyeo*





Aos 88 anos, esta *haenyeo* ainda mergulha diariamente na Ilha de Jeju

Fotos: Luciano Candisani

nas. Com equipamento de mergulho não teria a agilidade delas e a produção de bolhas atrapalharia o cenário. Como vive em Ilhabela (SP), um mês antes de viajar passou a fazer saídas diárias ao mar para treinar téc-

nicas de apneia e testar fontes de iluminação subaquática. “Elas enchem os pulmões de ar, mergulham e chegam a 10 ou 12 metros de profundidade. Passam cerca de um minuto e meio vasculhando o fundo e sobem

rapidamente para tomar ar e colocar o que recolheram em cestos flutuantes”, explica Candisani. São jornadas de quatro a seis horas por dia, relata o fotógrafo, e mais de 90% das mergulhadoras têm idade acima de 50 anos. O grupo todo hoje na Ilha de Jeju está reduzido a cerca de 2 mil mergulhadoras, mas já foram cerca de 23 mil em 1960 (veja box).

Outra decisão importante, e inédita, para Candisani foi fazer o documentário em P&B. A razão, segundo ele, era evitar qualquer tipo de distração com as cores de algas, corais e peixes. Querria mostrar as mergulhadoras absolutamente imersas no ambiente em que trabalham, e como isso é difícil. “Já fiz algumas coisas em P&B, mas nunca algo tão denso assim. A história pedia algo mais dramático, uma separação de planos maior, de forma a destacá-las do fundo. Fiz vários testes para chegar a uma maneira de registrar as cenas”, informa. Candisani usou dois flashes subaquáticos, o que ajudou a destacar as mulheres no primeiro plano, já que era fundamental também mostrar o rosto dessas senhoras, com as inevitáveis marcas do tempo na pele.

## Homem do mar

A ligação de Candisani com o mar vem desde a infância, pois foi criado em Ilhabela (SP), e se reforçou na adolescência quando descobriu o trabalho do pesquisador francês Jacques Cousteau, pioneiro da exploração submarina. Ele tirou a licença de mergulho autônomo (com

cilindro de ar) aos 14 anos e algum tempo depois ganhou uma câmera fotográfica anfíbia Nikonos V, na Nikon, com a qual se tornou um autodidata em imagens subaquáticas.

O interesse pela natureza o levou a cursar Biologia na Universidade de São Paulo e logo no primeiro semestre ele se tornou estagiário no Instituto Oceanográfico da USP. Descobriu que muitos grupos de pesquisa precisavam de documentação em foto e vídeo dos trabalhos submarinos. Coisa que sabia fazer relativamente bem.

Não demorou muito e acabou por trabalhar a bordo de navios e outras embarcações de pesquisa como mergulhador-fotógrafo. Com quatro anos de experiência como fotógrafo de expedições fotográficas, embarcou com um grupo de pesquisas para os mares da Antártica, onde ficou por três meses. Era 1996, início de uma jornada que o levaria, 21 anos depois, a ser um dos mais destacados fotógrafos de natureza e vida selvagem do mundo.



O fotógrafo Luciano Candisani com a mergulhadora mais velha da turma



A vitalidade desta senhora impressionou o fotógrafo e a cineasta

## CONDIÇÕES DIFÍCEIS

Para tornar o contato com as *haenyeo* mais próximo, a equipe alugou uma casa na vila Sadal-ri. A chegada à Ilha de Jeju foi debaixo de uma tempestade. Ventos muito fortes fizeram o avião dar meia-volta e pousar na segunda tentativa. Um tufão na costa do Japão manteve as condições desfavoráveis durante a maior parte do tempo. Em 20 dias, Candisani conseguiu fazer apenas sete mergulhos com as *haenyeo*. A correnteza e as ondas fortes acrescentaram mais dramaticidade à história.

Bem recebida e integrada à comunidade, a equipe ficou uma semana sem colocar o pé na água em virtude do mau tempo. Por outro lado, o grupo pôde viver o cotidiano das mulheres do mar, conhecer mais sobre a história de vida de cada uma, participar de refeições com elas e criar laços de amizade.

"A habilidade e a vitalidade na busca pelos frutos do mar me impressionaram muito. E lá estava o Luciano, registrando tudo, com muita paixão. A vida real sempre nos deixa a sensação do vivido ser indivisível", comenta a cineasta Lygia Barbosa Silva, carioca, ex-nadadora de provas em mar aberto, velejadora e

mergulhadora (ela também operou a câmera em algumas cenas).

Além de Candisani e Lygia, a equipe era composta por Raphael Scire, que atuou como o assistente de direção e ainda ajudou em roteiro, produção e som; Paulo "Maká" Gambale, diretor de fotografia e operador da câmera principal; e Chea Wan Yun, cinegrafista e tradutor.

Luciano Candisani trabalhou com duas câmeras Nikon, a D810 e a D800 (esta em conjunto com uma lente Sigma 15 mm em uma caixa-estaque Nauticam de alumínio). Os flashes Sea&Sea YF 120 e Inon Z-240 estavam presos a braços longos para emitir uma luz mais suave. Já a equipe da Tru3 Lab fez a captação das imagens com câmeras *mirrorless* Sony A6500 e Panasonic Lumix GH4, e a DSLR Canon EOS 5D Mark III, além da ultracompacta GoPro Hero 6. Também foi usado um drone DJI Phantom 4 para tomadas aéreas.

Candisani participou da edição final do filme e Lygia opinou na edição das fotos, um trabalho em equipe completo. "Foi um grande desafio e um aprendizado imenso. Creio que consegui me aproximar bastante de temas universais, pois temos a força

da mulher, a passagem do tempo, a longevidade, a relação do ser humano com a natureza, a sustentabilidade e o consumo de alimentos. A narrativa visual e o filme é sobre tudo isso", explica o premiado fotógrafo. 🌟



Na picape da capitã Kang, Candisani, Maká Gambale e Lygia Barbosa Silva